

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília

Class.: 877

Data: 04.09.84

Pg.: _____

⁴⁴⁶⁸ Juruna: Sou deputado do povo

Confuso, nervoso, agressivo, quase chorando, o deputado-cacique Mário Juruna (PDT-RJ) voltou ontem a afirmar que os Pataxós não são índios. Disse que quando os defendeu meses atrás não tinha conhecimento de suas características — “de caboclo” — e que após a viagem realizada para lá na última quinta-feira — acompanhado de três parlamentares e paga por fazendeiros interessados nas terras indígenas — foi que fez tal constatação. Afirmou com raiva, que antes de acabar o seu mandato parlamentar vai pedir ao Governo para tirar os Pataxós daquela área. Ele salientou que não deseja mais concorrer a nenhum cargo eletivo para o Congresso Nacional porque não quer sofrer pressões, como agora.

— Não tenho paciência. Já sofri muito. Fico sacrificando a minha família e não adianta. Estou pronto para largar tudo isto. Sou um homem de consciência limpa. Sou puro. Não tenho rabo de palha como branco, salientou. Ele não quis esclarecer, no entanto, se vai ou não abandonar a presidência da Comissão do Índio na Câmara, conforme boatos de ontem.

Juruna acusava a imprensa de o estar traindo. A explicação de que os jornalistas somente tinham escrito o que ele próprio declarara — e que causou espanto nas comunidades silvícolas e na sociedade em geral —, o ex-defensor dos Pataxós não tinha como se explicar.

— Os Pataxós têm cabelo no peito, bigode e cabelo enroscado. Eles não são índios. Lá em Pau Brasil so meia dúzia é índio, o resto é caboclo, e quem tem que defende-los é o INCRA, é o Estado, ressaltou, mesmo salientando que não é “deputado do índio, mas do povo”.

Dólares

O deputado negou que tivesse recebido três mil dólares de um amigo “comandante Carvalho”, também amigo do presidente da Funai, Jurandy Marcos da Fonseca — conforme afirmou um jornal paulista — para sua viagem à Genebra num encontro de minorias raciais, e de outra feita quando se encontrava em Mato Grosso e queria voltar à Brasília. No entanto, pelo meio da entrevista ele confirmou ter recebido aquele dinheiro do comandante Carvalho, a quem chamou de amigo.

Ele disse estar disposto “a largar tudo isso” pois não está aqui porque gosta de cidade, mas porque foi eleito pelo povo de quem é deputado e “não deputado de índio”.

Ele não quis comentar a nota de várias entidades indígenas — inclusive da União das Nações Indígenas do Nordeste (UNI) — afirmando não lhes reconhecer a existência.

— Tenho recebido as acusações do que me vendi para os fazendeiros mas isso não é verdade. Não sou empresário. Não sou fazendeiro. Lá não tem aldeamento, nem mata, nem córrego, Só caboclo, salientou.

Nota

— Sentindo a dor em nossas peles, perguntamos ao deputado federal do PDT do Rio de Janeiro, Mário Juruna, quanto foi que custou para ele declarar que não existe mais índios no Posto Indígena Caramuru e em todo o Nordeste. Em troca de que o deputado distorce a nossa identidade com denominação de caboclos? Perguntamos se ele aceita, hoje, os filhos dele com branca não serem mais Xavante e, porque é que, quem não é Xavante tem o corte de cabelo Xavante? Será que o deputado aceita isso? E se os filhos dele quiserem ser Xavante puros, será que o deputado lhes impediria? Questiona nota divulgada ontem pela União das Nações Indígenas do Nordeste, que conta, também, com o apoio de índios de várias localidades.

A nota repudia a “declaração ofensiva do deputado federal do PDS da Bahia, França Teixeira, contra os índios do Nordeste quando os considera animais.



O deputado-cacique disse que vai retirar os Pataxós de Pau Brasil

Ele que se declara, abertamente racista e muito mais perigoso que animal selvagem para agredir os índios do Nordeste”.

— Condenamos as atitudes dos deputados federais Jorge Viana e Fernando Gomes (PMDB-BA) e França Teixeira, o do grileiro Jener Pereira da Rocha que fazem doação genocida contra os Pataxós. Discordamos da amizade estranha do deputado Mário Juruna, porque não é esse o objetivo do PDT — sustentar a oligarquia repressiva contra a maioria do povo brasileiro, diz a nota.

Ela pede, ainda, que já que se declara “índio puro” “de coração limpo”, Juruna comprove isso diante da opinião pública não ficando “ao lado dos malufistas”, afirmando que “o povo brasileiro não quer casamento com ditadores. Os verdadeiros brasileiros querem diretas, já. E se isso não acontecer, com consciência limpa, esperamos que o deputado Mário Juruna faça bonito, que vote no Tancredo”.

Salvador

O bispo de Itabuna, Dom Paulo Lopes de Faria, propôs ontem uma ampla negociação, envolvendo também o Governo Federal, para encontrar uma solução definitiva para o litígio entre índios Pataxós Há - Há - Há e fazen-

deiros, que disputam uma área de 36 mil hectares em Pau Brasil, município incluído na área de sua diocese, a 528 quilômetros de Salvador.

— Temo que qualquer precipitação possa criar uma situação insustentável, pois haveríamos de presenciar até mesmo uma guerra civil de graves proporções e consequências, já que índios e fazendeiros iriam usar a força para atacar e defender-se. Nossa preocupação é no sentido de que tudo se resolva da melhor maneira possível, sem prejuízos para as partes envolvidas — disse Dom Paulo de Faria.

Tensão em Rondônia

Os índios Arara e Gavião já haviam queimado, até a tarde de ontem, mais de oito barracões de colonos que invadiram suas terras, no posto indígena do Igapapé, Lourdes, em Ji — Paraná, cerca de 400 quilômetros de Porto Velho. Além disso, eles fizeram 16 reféns, dez dos quais ainda estão presos em casas da FUNAI na aldeia.

A informação é do delegado da FUNAI em Rondônia, sertanista Apoena Meirelles, salientando, entretanto, que conseguiu fazer com que os diversos grupos de índios que saíram para expulsar os colonos à força retornassem às suas aldeias.